

## Parte II - Estudos Empíricos

### 9. O noticiador-noticiado

Ana Lúcia Medeiros

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MEDEIROS, A.L. O noticiador-noticiado. In: BRAGA, J.L., RABELO, L., MACHADO, M., ZUCOLO, R., BENEVIDES, P., XAVIER, M.P., CALAZANS, R., CASALI, C., MELO, P.R., MEDEIROS, A.L., KLEIN, E., and PARES, A.D. *Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2017, pp. 225-251. Paradigmas da Comunicação collection. ISBN: 978-85-7879-572-6. <https://doi.org/10.7476/9788578795726.0010>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

## 9. O noticiador-noticiado

*Ana Lúcia Medeiros*

### 1. Introdução

Na sociedade atual observa-se a celebração de personagens que ganham visibilidade a partir de aparições constantes em programas de televisão, revistas, colunas de jornais, *sites*, além de *blogs* e *tweets*. Há uma proliferação de informações que são criadas em torno do universo particular de personagens e são replicadas, sem que necessariamente haja uma apuração atenta dos fatos.

Tais informações sobre aspectos privados de personagens públicas ou mesmo inicialmente anônimas geram um mercado de publicações de grande intensidade. Na sociedade em midiatização, determinadas pessoas, como artistas, atletas, políticos e modelos, por razões diversas, são reconhecidas em espaços públicos e provocam um interesse difuso em diferentes circuitos. Essas pessoas ganham visibilidade por terem realizado algo relevante ou mesmo que nada de extraordinário tenham feito. Elas simplesmente estão em evidência em circunstâncias específicas, muitas vezes de forma banal. Por outro lado, os próprios processos midiáticos crescem em várias direções, estimulam essa difusão. Por fim, o público consome e, ao mesmo tempo, retroalimenta a mídia com esse perfil de informações gerando ou estimulando circuitos sociais de interação.

Embora possamos compreender que celebridades são integrantes de um sistema midiático, com algum grau de visibilidade,

uma proposição de Bauman sugere que não temos condições de estabelecer um sentido que possa expressar, com validade universal, um conceito para “celebridade”:

[...] a história da longa marcha dos mártires às celebridades não deve ser vista como uma afirmação das leis inquestionáveis da história e de sua tendência irreversível, [...] mas como uma avaliação de carreira de um processo que está longe de haver terminado e que pode ser considerado muito mais *in statu nascendi* (Bauman, 2007, p. 70).

Na ausência de “leis inquestionáveis”, se queremos compreender um fenômeno, devemos observar seu contexto específico na sociedade em midiatização. Classificamos como “celebridades” as pessoas que aparecem constantemente na mídia, seja para tratar de aspectos relacionados a sua profissão ou por circunstâncias variadas que as tornam pessoalmente famosas.

## **2. Da celebração generalizada ao noticiador-noticiado**

Da celebração diversificada na mídia, ingressamos no estudo dos jornalistas, que se tornam às vezes famosos, apresentando algumas semelhanças – mas também diferenças – com as demais celebridades, no que se refere à formação de imagem junto ao público e a um noticiamento amplificado.

Jornalista é um profissional especializado da mídia, o que implica uma relação diferenciada no que diz respeito aos demais personagens celebrizados. O jornalista se apagaría ante a objetividade da informação apresentada. Por isso mesmo, se distingue de modo intrigante nesta condição particular de ser, ele mesmo, notícia.

Essa articulação paradoxal, alguém ser jornalista e ser notícia, incide sobre o próprio processo produtivo jornalístico de modos

distintos – que variam de acordo com os perfis diversificados dos jornalistas, as relações estabelecidas com seus circuitos de interação (internautas, telespectadores, leitores, radiouvintes), o contexto social, as empresas das quais fazem parte. Cada jornalista, quando nessa condição, reage de uma maneira aos processos da fama. Também verificamos que não há um modo de reação uníssono da sociedade a essa situação estranha da visibilidade adquirida pelo jornalista.

É essa situação específica do aparecimento do *noticiador-noticiado* que investigamos, em distinção aos artistas e outros perfis de celebração: há especificidades na celebração de jornalistas em relação a outros tipos de personagens celebrizados. Embora com distinção de perfis, jornalistas são profissionais da notícia e a ela estão vinculados. Quando o jornalista é notícia – logo, reconhecido, percebido em sua singularidade pessoal, em suas atitudes, quando se torna famoso, é observado em suas decisões privadas, em suas posições diante da vida – é acreditado, possui credibilidade porque seus circuitos de interação o aceitam como *pessoalmente* confiável. Porque *não faz* as coisas *como qualquer outro* faria.

É nessa particularidade que os processos ocorrem. Há movimentos específicos; existem diferenças comunicacionais (de circuitos, de processualidade interacional) com os espectadores. Os circuitos de recepção, de absorção da notícia; os modos de produzir e de processar a notícia são então mais complexos, pois envolvem duas processualidades básicas – a do padrão de objetividade, com todas as suas regras, padrões, deontologia profissional, dos manuais de redação; e a do padrão de personalidade celebrada. Essa dinâmica que evidencia as diferenças e singularidades dos processos deixa claro que se deve evitar uma generalização, pois nem todo trabalho jornalístico passa a funcionar segundo tais lógicas.

Compreendemos então como *noticiador-noticiado* o jornalista que adquire visibilidade midiática, incluindo aí todos os modos

de *aparecimento na mídia* e não só quando se trata propriamente de “ser notícia”, em sentido jornalístico estrito.

Há maneiras variadas de o jornalista colocar-se na matéria, desvelar os modos de produção ao mesmo tempo em que se apresenta como parte do processo. E é nessa aparição pessoalizada que identificamos os diferentes perfis de profissionais que são destaque na mídia. São formas diversificadas de aparecimento. Essas especificidades se manifestam na maneira como as celebridades se relacionam com seus celebradores, quando são abordadas na rua, em situações que caracterizam a exaltação de personagens públicas.

A TV tem uma dimensão autorreferencial na *performance* midiática das personagens públicas, mas a *internet* passa a integrar o sistema e funciona como complemento à TV. A televisão pauta a internet, que pauta a revista, que pauta o jornal, que pauta o rádio, que pauta a televisão, que pauta o *site*, que recebe respostas dos internautas a respeito do que está em exposição na mídia. Tudo isso modifica os circuitos habituais e viabiliza novos circuitos.

As lógicas se mantêm e se modificam. O movimento circular em torno do jornalista, o aparecimento dos bastidores, os modos de produção se manifestam de maneira intensa. Isso faz parte de uma tendência generalizada de mostrar processos e de gerar movimentos que levam ao aparecimento do profissional do jornalismo, e este passa a integrar um modo de funcionamento normalmente aplicado ao universo dos artistas. Desenvolvem-se aí circuitos diversificados (ver Braga, 2012c). A presença do jornalista de TV em mídias variadas passa a integrar outros processos de circulação com os públicos que participam interacionalmente do processo.

Os circuitos de interação são estabelecidos de diversas formas. Por cartas, *emails*, telefonemas ou pelas redes sociais. Outro tipo de diversificação de circuitos se manifesta quando pessoas públicas

fazem algum tipo de declaração na mídia ou fazem algum comentário no *twitter* ou no *blog* pessoal sobre um jornalista.

O jornalista tem papel importante no processo. Observamos que, em muitas circunstâncias, a visibilidade é provocada pelo próprio profissional do jornalismo. Trata-se de um processo tentativo no qual o jornalista utiliza ferramentas e recursos do universo do qual faz parte e assume a função de provocar os seus circuitos de interação exaltando a própria imagem.

### **3. Casos específicos**

Para observar o processo que leva o noticiador à condição de noticiado, entrevistamos diversos jornalistas<sup>95</sup>. Exploramos no conjunto de informações e em cada caso os ângulos aqui referenciados. Descrevemos episódios em seus aspectos mais gerais e relevantes para especificar as singularidades dos entrevistados. São episódios distintos, que evidenciam uma construção e um exercício tentativo da fama – não existem fórmulas gerais padronizadas. Para o presente capítulo, selecionamos quatro dos casos estudados na tese. Interessa-nos perceber, em cada caso, de que modo ocorrem os processos de interação, as lógicas e ações internas e externas presentes nos episódios relacionados ao processo de circulação, em cujo cenário instalam-se novas “formas de contato” (Fausto Neto, 2007c).

#### **Episódio Rachel Sheherazade: a opinião pessoal polêmica**

A partir da leitura de um comentário polêmico em uma TV local de João Pessoa, distante do eixo Rio São Paulo/Brasília, um

---

95 Acionamos, para esse capítulo, um subconjunto de entrevistas realizadas para nossa tese de doutoramento (Medeiros Batista, Ana Lúcia, 2013)

milhão de internautas acessaram o vídeo postado no *youtube* no qual a jornalista questiona o formato do carnaval nordestino, emitindo opiniões estritamente pessoais. Vemos aí uma situação que sublinha a importância de refletir sobre a objetividade jornalística. Tradicionalmente associada ao distanciamento necessário do jornalista em relação à notícia, a objetividade jornalística propõe a isenção e um distanciamento do jornalista para uma fiel reprodução dos fatos como eles se apresentam na realidade. A objetividade dos fatos pede o apagamento do jornalista; se contrapõe à ideia de subjetividade jornalística, que permite que o sujeito conte e mostre como a realidade se apresenta e que ele próprio se manifeste diante do fato.

A informação sobre a repercussão do vídeo chegou à direção da emissora SBT, em São Paulo. A interferência dos internautas fez com que a jornalista fosse promovida âncora do telejornal de horário nobre da emissora, em rede. Isso mostra uma escolha de interlocução. Entre o padrão de jornalismo objetivo e informador e o circuito de acolhimento, na internet, da opinião pessoal relacionada à notícia, a emissora resolve apostar nesse circuito.

A pesquisadora Caroline Casali identifica no caso Sheherazade um circuito que vem de acontecimentos motivados por uma réplica social que provoca mudanças nas bases do jornalismo: “o fluxo de uma réplica social acabou interferindo nas posições hierárquicas dentro da redação jornalística do SBT”. [...] “A réplica social acaba coproduzindo um acontecimento. Esse acontecimento é autorreferencial para o próprio jornalismo e altera os padrões que nós tínhamos em jornalismo até aqui” (Casali, 2012).

Observamos no caso Rachel Sheherazade circuitos que vêm das manifestações de identificação ou repulsa às posições ideológicas da jornalista no espaço do telejornal. Os circuitos ocorrem em duas perspectivas: de um lado, internautas, leitores, telespectadores,

que assumem o papel de movimentar as redes sociais com comentários e reprodução do que foi dito por Sheherazade. A maior parte dos seguidores do *twitter* ou dos que emitem opinião no *blog* pessoal da jornalista fazem manifestações de apoio. Mas há também críticas veementes. Do outro lado estão as empresas de comunicação e formadores de opinião, que partilham ou repercutem negativamente as opiniões de Rachel Sheherazade.

Podemos observar, no caso, a diversidade de circuitos que se manifestam quando pessoas públicas fazem algum tipo de declaração na mídia ou postam um comentário no *twitter* ou no *blog* pessoal. Em vários espaços midiáticos são feitas replicações sobre as opiniões de Sheherazade. Seleccionamos dois episódios de repercussões polêmicas sobre suas opiniões.

No primeiro episódio, logo depois que a âncora do SBT repudiou a atitude de alguns manifestantes que quebraram ônibus durante protestos contra o aumento da passagem do transporte coletivo em São Paulo<sup>96</sup>, a apresentadora Mônica Iozzi fez a seguinte postagem em seu *twitter*: “Por Deus todo poderoso, quem é essa IMBECIL REACIONÁRIA que apresenta o Jornal do SBT??!!!” (Iozzi, 2013). A crítica de Iozzi foi replicada no *site* Uol. Nos comentários a essa postagem<sup>97</sup>, encontramos abordagens variadas. O internauta Domingos Barbosa fez uma comparação entre Iozzi e Sheherazade: “Rachel é o que tem de melhor na televisão, enquanto a Iozzi...”. Outro internauta, que se identificou como Dico, opinou sobre a situação do jornalismo: “O jornalismo perdeu seu papel: dar a notícia com imparcialidade, deixando o telespectador fazer

---

96 SBT Brasil, 14 de junho de 2013.

97 No período de 17/06/2013 ao início de março de 2014 foram feitos 291 comentários. <http://natelinha.ne10.uol.com.br/noticias/2013/06/17/monica-iozzi-critica-rachel-sheherazade-imbecil-reacionaria-62573.php> Acessado em 02 de março de 2014.



seu próprio julgamento. Por isso tantas polêmicas. É somente dar a notícia. Esse é o papel do jornalismo”.

O outro episódio rendeu grande embate polêmico. Ocorreu em fevereiro de 2014, quando a jornalista defendeu “cidadãos” (justiceiros) que espancaram e amarraram a um poste um adolescente suspeito de furto no Rio de Janeiro. *Sites* como Uol e R7, o Jornal da Band, a Folha de S. Paulo e as revistas Carta Capital e Veja cederam espaço para repercutir as declarações de Sheherazade. *Blogs* e *tweets* também fizeram ecoar a proposição da jornalista.

O Portal Imprensa deu ênfase à nota de repúdio do Sindicato dos Jornalistas do Rio de Janeiro à sentença de Rachel Sheherazade sobre o “marginalzinho” preso ao poste. A entidade considera a declaração da jornalista uma “grave violação aos direitos humanos e ao Código de Ética dos Jornalistas”. O *site* Congresso em Foco publicou matéria sobre denúncia de um partido político ao Ministério Público contra Sheherazade e o SBT pelos pronunciamentos da jornalista.

A repercussão do episódio em espaços variados da mídia e da sociedade estimula a criação de circuitos em que se elaboram respostas e, certamente, provocam incidências nas bases do jornalismo e em seus vínculos hierárquicos com a empresa, suas lógicas e ações. A partir de abril de 2014, Sheherazade passou a transmitir a notícia no SBT Brasil sem fazer comentários.

Identificamos no caso Rachel Sheherazade circuitos que revelam a imbricação cada vez mais intensa dos espaços midiáticos com a sociedade. Percebemos uma circulação ampliada, acionando diversos processos com variedade de sequências: emissora de TV; pessoa pública; embate polêmico em espaços midiáticos variados – jornal impresso, revistas, *sites* de perfis variados, outras emissoras de TV; leitores, telespectadores, poder público, redes sociais; emissora de TV.

## Caco Barcellos: os bastidores da notícia são a pauta

O jornalista Caco Barcellos abre as portas do programa “Profissão Repórter” para o processo jornalístico e se torna notícia ao falar da produção da notícia. A presença de um jornalista diante das câmeras para falar do processo de produção ocorre também em outros produtos da televisão. No caso do Profissão Repórter<sup>98</sup>, a interação se dá ao ser mostrada a apuração, no próprio ato da construção da notícia, provocando um efeito de transparência no processo produtivo.

Esse efeito de transparência da produção, que se manifesta na mostração de bastidores, gera credibilidade. Esse critério, de grande relevância no universo jornalístico<sup>99</sup>, é reforçado por informações sobre as rotinas produtivas. Se o jornalista *passa credibilidade* no momento em que expõe os bastidores da notícia – uma das características do programa Profissão Repórter, que tem à frente o jornalista Caco Barcellos – as informações que transmite revelam ainda mais o sentido de *realidade*.

No que diz respeito aos aspectos bastidores e credibilidade, Paula Melo, na análise do texto apresentado no Seminário D&C, enfatiza que “a transparência da produção [os bastidores] passa a ser fator importante na manutenção da credibilidade junto ao telespectador” (Melo, 2012).

---

98 Concebido e dirigido por Caco Barcellos, o programa estreou em 2006, aos domingos, no Fantástico. Antes havia sido exibido no Globo Repórter, como edição especial. Profissão Repórter conta com uma equipe de jornalistas recém-formados, que ganham o reforço de editores mais experientes da emissora. Tem como característica revelar os bastidores da notícia, mostrando ao telespectador o processo de produção da reportagem. É exibido pela Rede Globo, às terças-feiras, às 23h30, com duração média de 30 minutos.

99 Para Berger (1996), a credibilidade é o capital do campo jornalístico.

A ação de levar os bastidores do jornalismo ao público, que vem sendo adotada como prática, representa um movimento que revela novos dados na relação entre a produção jornalística e seus públicos. O que, no jornalismo canônico, é feito de modo discreto, quase com pudor, hoje é compartilhado com os telespectadores. O aspecto *bastidores* está, portanto, associado a um movimento de aproximação com os públicos. Isso cria verossimilhança, ao mesmo tempo em que remete a novos espaços de publicização da rotina produtiva jornalística em espaços variados, o que pode representar aumento da audiência para os telejornais, já que os assuntos são postos em discussão. Por outro lado, atrai internautas, leitores de revistas e jornais e telespectadores interessados nos telejornais.

O que se percebe, aí, é um circuito crescentemente ativado na sociedade em midiaticização. Já não se trata apenas de “receber notícias”, torna-se relevante desenvolver competências sobre o próprio processo de produção da notícia (ver Braga, 2007). A sociedade – pelo menos sua parte mais atenta e reflexiva – se preocupa em apreender processos, em compreender dimensões que são trabalhadas na construção, no processamento e difusão das ocorrências. Isso indica um circuito mais analítico e potencialmente crítico sobre o que as empresas de comunicação fazem circular. O fato de um jornalista organizar de tal modo esse acompanhamento, no “Profissão Repórter”, torna a própria produção objeto de notícia gerando esse efeito crítico-pedagógico. O noticiamento do noticiador é diferenciado. Não se trata de uma fama superficial ou meramente pessoal – mas uma apreciação que vai ao núcleo do próprio entendimento dos processos jornalísticos. É um ângulo em que o jornalista interage com circuitos sociais muito especificados.

## **Rosana Jatobá: 1min42s de vida pessoal no Jornal Nacional**

Um diálogo aparentemente espontâneo mantido pelo período de mais de um minuto no telejornal de horário de maior audiência da televisão brasileira me chamou a atenção. A “chamada” (termo técnico utilizado para fazer referência ao texto lido pelos apresentadores na introdução da reportagem) para a previsão do tempo do dia 3 de novembro de 2010 do Jornal Nacional da Rede Globo transformou-se em um fato inusitado.

Ao chamar a jornalista responsável pelas informações sobre a meteorologia, os apresentadores Fátima Bernardes e William Bonner fizeram uma abordagem diferente. Adotaram um jogo de palavras para fazer referência ao tempo restante para o nascimento dos filhos da repórter, grávida de gêmeos.

A situação aponta para o aparente paradoxo do “noticiador-noticiado” que, pela tradição, para ser “objetivo”, se manteria como figura distanciada.

Segundo me relatou em entrevista, Rosana Jatobá havia sido alertada pela produção que, naquela noite, falaria no Jornal Nacional sobre sua gestação. Mas a abordagem a ser dada pelos apresentadores não havia sido previamente detalhada pela produção. Embora tenha sido dito que tudo aconteceria em clima de informalidade (num espaço que tem como característica a formalidade).

Os apresentadores Fátima Bernardes e William Bonner conversaram com a jornalista sobre a gravidez, antes de tratarem do assunto que Rosana Jatobá abordaria: a meteorologia. Com as mãos sobre a barriga, acariciando-a, a “moça do tempo” (uma referência à profissional que apresenta o quadro sobre previsão do tempo) anunciou a chegada dos gêmeos para o mês de janeiro.

É Fátima Bernardes quem assume o comando da entrevista. Além de abrir o diálogo, a apresentadora faz quatro perguntas a

Rosana Jatobá, contra um rápido comentário do apresentador e dois momentos de um sorriso contido, respeitoso e de aprovação à gravidez e ao diálogo entre as jornalistas sobre a história pessoal da “moça do tempo” no espaço do telejornal.

Sendo gravidez o assunto em pauta, caberia às mulheres abordar a questão. São hábitos culturais que geram audiência e sintonia com o telespectador. Há aí um efeito de proximidade. Por outro lado, o diálogo intensifica a força da mulher profissional e, ao mesmo tempo, dedicada à maternidade, traço de um modo de vida da mulher brasileira da sociedade contemporânea.

Na frase “mas a pergunta que nós, os telespectadores, gostaríamos de fazer pra você...”, a apresentadora assume o papel de representante das pessoas que assistem ao telejornal. Essa condição é reforçada pela repórter: “Olha, todo mundo tá muito curioso para saber”. Observamos aqui uma tentativa de aproximação com um público do telejornal, tanto no que diz respeito ao assunto (maternidade) quanto no interesse pelos profissionais que levam a notícia diariamente à casa do telespectador. Entram nesse item aspectos como fidelidade, cumplicidade e até mesmo uma certa intimidade com os jornalistas, para os quais muitos telespectadores respondem “boa noite”.

Como se vê, aposta-se aqui (com sucesso de público) em outro processo de circulação. Trata-se agora de uma curiosidade sobre a vida pessoal de profissionais que se destacam simplesmente porque são vistos. Há significativas parcelas da população que veem nas matérias não uma técnica de passagem de informações, não um serviço de natureza pública. Ou não apenas isso. Ao lado e através, esse espectador vê pessoas. Quem são, o que fazem, como se articulam com “gente do comum”? O perfil é bem diferente dos que querem ver circulando informações de fundo sobre como se produz a informação. O que aparece, no caso, é apenas um ângulo de identificação

pessoal – uma mulher que está grávida. Mistura-se, no episódio, o fato profissional, de ordem pública, com o fato de ordem privada. O próprio âncora dá a pista do circuito que se manifesta e ao qual a TV (claramente em busca de audiência) responde: internautas se perguntam sobre a gravidez da moça do tempo. É a oportunidade de a empresa tentar (como é da lógica da grande mídia) interagir com o imponderável social que aí toma forma. Obedecendo ao circuito, vai-se oferecer o que este quer: nossa profissional sob o aspecto “gente”. Completa-se, na oferta, o circuito da expectativa. De curto alcance, é claro – mas o suficiente para que percebamos fluxos de interação que se abrem na sociedade e pedem resposta e alimento.

### **Tadeu Schmidt: coprodução com espectadores provoca efeito de proximidade**

Nascido em Brasília, Tadeu Schmidt tem obtido posição de destaque no telejornalismo nacional. Uma das características do trabalho que desenvolve é experimentar no vídeo situações do cotidiano que considera passíveis de adaptação para o jornalismo esportivo, sua especialidade.

Vem exercendo essa prática em todos os espaços ocupados ao longo da trajetória na Rede Globo. Tem o apoio da empresa, representada pelos editores-chefes. O resultado das experiências de Tadeu Schmidt vai além da Redação dos telejornais. Os telespectadores passaram a interagir com Schmidt, em situações variadas, que vão das respostas pela internet à abordagem nos espaços públicos, utilizando expressões que o jornalista adota na produção do trabalho de construção da notícia. O processo de experimentação de Schmidt avança à medida que ascende profissionalmente dentro da empresa. Continua a experimentar na produção do jornalismo televisual o uso de jeitos e falas da vida cotidiana.

Uma das inovações de Tadeu Schmidt no telejornalismo é aproximação com telespectadores/internautas de várias regiões do país. São os aficionados por futebol que capturam os *lances* mais originais nos estádios de futebol de cidades quase sempre ausentes da escala da produção jornalística. As imagens feitas dos celulares e câmeras pessoais dos telespectadores/internautas são selecionadas por editores locais e enviadas a Tadeu Schmidt que, num estilo pessoal de fazer jornalístico, faz a fusão de *lances* bem-humorados e criativos de produtores-colaboradores que, mostrando cenas de habilidade ou não com a bola, em jogadas de futebol doméstico, alimentam o quadro Bola Cheia e Bola Murcha, crônica esportiva de Schmidt no programa Fantástico, da Rede Globo<sup>100</sup>, onde assume também o papel de apresentador.

O jornalista José Cruz nos disse, durante o levantamento de dados para a tese de doutoramento, que os princípios norteadores do jornalismo são respeitados por Tadeu Schmidt; mas o trabalho jornalístico que exerce traz a sua personalidade:

Ele executa todo o processo de apuração, edição e apresentação da notícia. O diferencial é que coloca a sua marca e usa a tecnologia para tornar a informação mais leve. Ele prende o telespectador com as imagens das quais dispõe e utiliza um vocabulário criativo e adequado àquelas imagens. E surpreende, sempre, ao desviar o foco do gol para trabalhar personagens, fatos paralelos.

---

100 Conhecido como “revista eletrônica”, o Fantástico vai ao ar nas noites de domingo, desde 1973.

Cruz<sup>101</sup> afirma que Schmidt sabe aproveitar os recursos técnicos que tem a seu dispor, mas também procura desenvolver um trabalho de valorização de elementos nucleares do jornalismo ao fazer uma apuração com pluralidade de dados:

Tadeu é para a crônica esportiva na TV o que Nelson Rodrigues foi para o jornalismo impresso: inovador. Nelson é insuperável, conquistava o leitor *apenas* pelo texto. Prendia até o fim. Tadeu tem a vantagem de dispor da imagem, da cor e do movimento, além da informação diversificada com a qual pode trabalhar. Juntou tudo isso e inovou numa época de mesmices no relato sobre esportes. Ele explora bem o lado inusitado da informação. Tem a capacidade de pegar imagens de um “gol de cabeça” realizado em lugares extremos do país e exibir, em um programa transmitido nacionalmente, algo que poderia ficar restrito às regiões de pouca representatividade nacional (Cruz, 2013).

Observamos nessa dinâmica que a empresa percebe o potencial da sociedade na captura de imagens e informações sobre o fato, não facilmente percebidas ou alcançáveis pela equipe de TV ao fazer a cobertura de um evento. A sociedade, por sua vez, reconhece a visibilidade proporcionada pela televisão e participa do processo produtivo. Aparecer na televisão pode funcionar como uma recompensa pelo trabalho colaborativo. Com isso, a sociedade participa de modo mais ativo da produção midiática e da difusão de informações mais coerentes com as culturas locais. É o espectador, estimulado pela empresa, que mostra as cenas que integram o Bola Cheia e Bola Murcha, do programa Fantástico.

---

101 Dono do “Blog do Cruz”, José Cruz levou para o *blog* sobre política e atualidades no esporte a experiência de 28 anos de atuação no jornalismo impresso.



Percebe-se nesse movimento a construção de um circuito como um processo interacional em que cada tipo de participante reage a uma provocação e oferece falas, que por sua vez são retomadas fazendo o circuito se manter em funcionamento (ver Braga, 2012c).

Identificamos ainda, neste caso, a perspectiva de que a interlocução assim encaminhada faz substituir o “jornalista informador” por um jornalista participante de interação que, para fazer parte do circuito, é levado a reagir, a *responder* – e com isso, por sua vez, estimula a produção e a interação do espectador. Fazem parte desse circuito o diálogo com o internauta/telespectador/produtor no próprio espaço do telejornal e também nas relações mantidas por outros modos de interlocução estabelecidos no processo de captura e entrega do material produzido, dando continuidade ao processo que, dinâmico, ganha novas configurações a partir de experiências feitas pelo jornalista, a produção da TV e os espectadores/colaboradores.

No que diz respeito à experimentação do jornalista no exercício da profissão, percebemos que ele desenvolve procedimentos para adequar à linguagem formal do jornalismo elementos do seu cotidiano, de sua visão de mundo, de sua vivência com o futebol, das torcidas organizadas entre amigos para ver um jogo, seja em Brasília (onde cresceu, vivendo o universo esportivo) ou no Rio de Janeiro (para onde foi transferido ao obter ascensão profissional). Além de compor sua produção jornalística com características pessoais, acordou com a empresa que a sociedade tem um papel importante na construção de um produto informativo. Os participantes sociais, por sua vez, estabelecem um vínculo com a empresa e, de modo mais específico, com a pessoa do jornalista, para quem também enviam mensagens pela Central de Atendimento ao Telespectador ou por outros meios de manutenção de um processo interacional,

como o *site* da emissora. No processo de interação do jornalista com os participantes sociais do circuito, tornam-se então inseparáveis o papel profissional jornalístico, os aspectos pessoalizados de sua participação e os vínculos com o programa e a empresa. Essa parece ser a lógica que dinamiza o circuito aí explicitado.

#### **4. Que circuitos estão sendo testados aí?**

Os circuitos do noticiador-noticiado se manifestam de modos diversificados, assim como os perfis dos jornalistas que selecionamos para entrevistar. Os processos ocorrem a partir de lógicas que alimentam um sistema transformador, experimental, de práticas pouco habituais. São movimentos que contemplam modos de funcionamento preexistentes, mas principalmente compreendem novas experimentações, processos interacionais, de circulação, novas “formas de contato” (Fausto Neto, 2007c). Processos nos quais modelos canônicos são reformulados, provocando novas dinâmicas que apontam para uma realidade que está sendo tentativamente construída.

Retomando a citação de Bauman, sobre a inexistência, em nosso tema, de “leis inquestionáveis da história e de suas tendências irreversíveis” (2007, p. 70), se queremos compreender que circuitos estão se desenvolvendo nos casos analisados, devemos observar o contexto específico de uma sociedade em midiatização, cujos processos midiáticos crescem em várias direções e ocorrem de forma difusa e canhestra.

A televisão, no período de forte centralidade dos meios de massa, decidia isoladamente seus processos e podia então assumir “seu circuito” – comandado exclusivamente por suas lógicas midiáticas. Hoje, em período de midiatização social, os circuitos proliferam e são originados também em outros espaços. As

empresas de TV buscam capturar esses circuitos segundo seus interesses e perspectivas. No âmbito que observamos, a formação da fama pela visibilidade é uma tradição da televisão. O específico que estudamos aqui é a diversificação dos processos.

Através das entrevistas, identificamos movimentos variados, conforme a diversidade de perfis e das experiências distintas. Verificamos, em alguns casos, a participação do próprio jornalista no processo de alimentação dos circuitos de interação.

Nos casos observados dos noticiadores que são noticiados, há ângulos diferenciados de noticiamento, que ultrapassam uma fama superficial ou pessoal, indo ao núcleo dos processos jornalísticos. O jornalista interage com circuitos sociais específicos. É o que verificamos com Caco Barcellos, no programa Profissão Repórter, em interlocução com circuitos que têm a perspectiva de transformação social, numa fusão de mostraçõ dos bastidores da produção noticiosa com a realidade social noticiada, em um processo de mutaçõ do jornalismo e da sociedade. São processos experimentais que dão visibilidade àquilo que normalmente fica por trás da câmara, onde ocorrem os processos tentativos.

Caco Barcellos, ao fornecer dados relacionados à sua rotina produtiva, num movimento de exposição de bastidores, provoca um efeito de transparência e ganha a confiança do espectador, especialmente porque no tipo de reportagens que o Profissão Repórter produz, de jornalismo investigativo, Barcellos se diferencia por fazer um rigoroso trabalho de apuração não-sensacionalista, mas de observação atenta dos fatos, numa dinâmica que preserva a imagem das personagens envolvidas e valoriza o trabalho e a pessoa do próprio jornalista que produz a reportagem.

Outros processos são excessivamente simples ou de curto alcance – como no caso da pessoalização de uma circunstância de vida privada, noticiada em um telejornal de horário nobre, como

destacamos no caso Rosana Jatobá, cuja história pessoal ocupou mais de um minuto do Jornal Nacional. Trata-se de uma situação que alimenta a curiosidade em setores do público, motivados a obter informações sobre “gente”. Sem entrar em uma crítica sobre esse atendimento, o que observamos é que ele se esgota por si mesmo, ao atender a uma curiosidade de superfície, algo também presente na sociedade contemporânea, que tem a tendência a inventar heróis e mitos midiáticos.

Outros processos representam tentativas ainda muito canhestras, exigindo ajustes, ponderações, reprocessamentos, até que se encontrem graus pertinentes e com valor social significativo de equilíbrio entre informação objetiva, análise judiciosa dos fatos e emissão de opiniões pessoais (que certamente podem ter seu valor). O caso Rachel Sheherazade mostra as lacunas a serem ainda supridas para que tais circulações se tornem um processo tentativo pertinente como experimentação de sociedade e de relações com a mídia.

Percebe-se também uma dinâmica de autopromoção, como no caso de Rosana Jatobá, ao escrever em seu *blog* um artigo sobre o noticiamento de sua gravidez no Jornal Nacional. No caso Sheherazade, ela mesma repercute os rumos dados à sua vida pessoal e à sua trajetória profissional a partir da postagem no *youtube* do comentário polêmico sobre o carnaval nordestino. Tendo constatado o processo transformador e de visibilidade adquirida, deu continuidade ao modelo polêmico experimentado.

Em outros processos de experimentação, a mídia faz um claro apelo de coprodução à sociedade, reconhecendo a importância desta na reinvenção dos modos de fazer midiáticos. O processo é tentativo e circular, no sentido de que busca nos espectadores a participação ativa, o que permite uma interação mais intensa entre os circuitos de recepção e produção, com erros e acertos que, embora

em processos às vezes canhestros, amplia os vínculos interacionais entre jornalistas e espectadores. É o que verificamos no caso Tadeu Schmidt no processo de produção do Bola Cheia e Bola Murcha.

Nos casos analisados, apesar das singularidades que se evidenciam em cada noticiador noticiado, constata-se, é claro, o foco da empresa em busca de audiência. Nessa perspectiva, identificamos que as particularidades de cada profissional são percebidas como passíveis de atrair tipos específicos de público. Em todos os casos, prevalece a especificidade do trabalho jornalístico. São profissionais do jornalismo e, portanto, seguem os princípios norteadores do trabalho jornalístico. Mas, justamente em função das transformações observáveis na sociedade em midiatização, prevalece, em cada caso, um modo de aparecer e de gerar circuitos. Há circuitos alimentados pelo aspecto “gente”; outros pela transparência dos processos produtivos; outros ainda pelo fluxo de interação que se estabelece com a empresa e com o profissional mesmo; ou ainda por características pessoais como a decisão de emitir opiniões polêmicas (de acordo com lógicas e ações hierárquicas). Em todos os casos a imagem do profissional se evidencia, a sociedade dá e exige respostas. E a empresa permanece em busca do controle garantidor da audiência, que por sua vez se encarrega de produzir novos circuitos nos *blogs*, *tweets*, *sites*, *emails*, telefonemas, produções de vídeos em seus celulares e câmeras...

### **Material coletado na mídia**

Blog do José Cruz. <http://blogdocruz.blog.uol.com.br/>

Congresso em foco: “Caso Sheherazade: ‘liberdade de imprensa não inclui incitação a crime’, diz Janot”. <http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/>

caso-sheherazade-liberdade-de-imprensa-nao-inclui-incitacao-a-crime-diz-janot. Consultado em 04 de abril de 2014.

IOZZI, Mônica. <http://natelinha.ne10.uol.com.br/noticias/2013/06/17/monica-iozzi-critica-rachel-sheherazade-imbecil-reacionaria-62573.php>. Consultado em 18 de junho 2013.

Portal Imprensa. “Sindicato dos Jornalistas repudia declaração de Rachel Sheherazade sobre ‘marginalzinho’”. Portal Imprensa, Jornalismo e Comunicação na Web.

[http://www.portalimprensa.com.br/noticias/ultimas\\_noticias/63790/sindicato+dos+jornalistas+repudia+declaracao+de+rachel+sheherazade+sobre+marginalzinho](http://www.portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/63790/sindicato+dos+jornalistas+repudia+declaracao+de+rachel+sheherazade+sobre+marginalzinho). Consultado em 02 de fevereiro de 2014.

SHEHERAZADE, Rachel. Comentário no SBT Brasil, 14 de junho de 2013.

## **Entrevistas**

Dentre as entrevistas feitas em 2012, para a tese de doutoramento “Noticiador-noticiado: Perfis de jornalistas numa sociedade em midiatização”, foram aproveitadas para o presente estudo: Rachel Sheherazade, Caco Barcellos, Rosana Jatobá e Tadeu Schmidt.

## Suíte nº 6

### **“O noticiador-noticiado”, de Ana Lúcia Medeiros**

*José Luiz Braga*

A questão interacional genérica, que é o ponto de partida de Ana Lúcia, refere-se ao processo de celebração de pessoas que obtém certa visibilidade na grande mídia. As imagens construídas e tudo o que diz respeito a essas pessoas circula intensamente, produz adesões (e, eventualmente, correlatas repulsas), preferências, alinhamentos, adoção de personagens como modelos. Nas análises acadêmicas desse quadro geral, bastante estudado, aparecem desde críticas à espetacularização até esforços de explicar sociologicamente o fenômeno, seus processos e seus personagens.

Dentro desse tema recorrente, o estudo de Ana Lúcia Medeiros recorta uma preocupação mais específica, que permite evitar explicações prontas abrangentes, que fariam de casos singulares meros exemplos de uma situação muito generalizada, e apenas confirmariam o que mais ou menos já se sabe ou se pode rotineiramente afirmar a respeito de celebridades e de celebração. Em vez disso, a autora busca uma dupla especificação. Primeiro, trata da questão centrada no jornalista como notícia – levando a perguntas relativas à profissão: Que noticiamento é este, que desloca uma posição tradicional do trabalho jornalístico? Como este processo se relaciona com os dispositivos habituais do “fazer notícias”? Em seguida, já no âmbito dessa situação propriamente jornalística, o texto estuda quatro casos, que vão mostrar lógicas singulares, que remetem a modelos diferenciados de visibilização.

Na perspectiva comunicacional, busca-se uma sintonia fina dos processos que caracterizam a diversidade de interações e de circuitos de ocorrência do fenômeno observado. Embora este tenha, certamente, características gerais, uma percepção das especificidades é relevante para um conhecimento dos processos, com maior acuidade que a afirmação de causalidades gerais.

Na prática mais estabelecida, a objetividade da notícia é que assegura sua credibilidade – e a credibilidade do jornalista seria decorrente justamente do rigor de uma apuração do que será afirmado como fato. Nesse padrão, uma espécie de isenção quanto a posições assumidas e opiniões divergentes faz prevalecer o valor intrínseco das matérias mais que a pessoa do jornalista. Enfatizar a factualidade da notícia, o resultado do processo de apuração, a objetividade da informação seriam os códigos básicos estabelecidos para a interação do jornalista com suas fontes e com seu público.

Tais padrões, entretanto, vão sendo ladeados por uma atenção crescente no “mensageiro”. O jornalista e seus processos se tornam, na sociedade contemporânea, objeto de interesse, de atração, de variedade temática. Ou seja, em termos jornalísticos, o noticiador se torna notícia. *Como* este mostra sua mensagem? *Como* chegou ao resultado exposto? *Que credibilidade* adiciona à factualidade? *Com que opiniões e interpretações* complementa a informação?

O texto mostra, para o conjunto de casos examinados, lógicas deste tipo de interações – da circulação de personalidades na criação de uma imagem noticiada, em contraste com o distanciamento da pessoa diante do fato que esta apura e faz circular. Evidencia-se que a circulação do noticiador noticiado não pode ser banalizada, como se fosse idêntica à celebração dos artistas, dos esportistas, ou a dos que se tornam visíveis por fortuna e sucessos pontuais.

O dispositivo “fazer notícia na TV”, ao entrar em determinados circuitos, traz articulado um tema inicialmente parasitário



– porque não era ainda muito percebido nem integrado com intencionalidade ao dispositivo original. Esse tema, meio encoberto, é a própria figura do jornalista, sua imagem, sua prosódia, a credibilidade construída aos poucos por seu estilo, ao lado da objetividade das matérias apresentadas.

Na medida em que essa circulação “suplementar” se evidencia, experiências diversas passam a ser feitas, espontânea ou calculadamente, nas emissoras. Ou seja: o aspecto aparentemente parasitário “imagem do jornalista” vai se tornando recurso possível (com bastante diversidade, como o texto de Ana Lúcia nos mostra), elemento componente do dispositivo “fazer notícia” – que, com isso, em alguns ambientes e circunstâncias, se transforma, se diversifica, gerando consequências hoje ainda na ordem da experimentação.

Uma das experiências mostrada no texto investe na atração percebida (via tendências expressas na internet) pela simples manifestação de opiniões sobre fatos noticiados. Posições conservadoras e menos habitualmente expressas na TV (talvez por receio mesmo de se evidenciar criticáveis em um ambiente mais esclarecido) encontram uma sintonia com setores da sociedade que afinal compartilham tais ideias. A emissora percebe a potencialidade de atração de tais adesões, para a formação de seu público. Mesmo a probabilidade de opiniões contrárias não seria um grande risco para a empresa – que pode contar com outro aspecto dos processos comunicacionais: a possibilidade da interação pelo desacordo. Diante de um mesmo fato ou situação, discordar de uma opinião expressa é ainda motivo para interagir, propagar contraopiniões, e “acompanhar” o falante do qual se discorda.

Nesse tipo de episódio, a lógica interacional busca um tipo de credibilidade que nada tem a ver com a objetividade factual – e que é mesmo a contestação desta. Não se trata de um compartilhamento baseado no valor de uma opinião refletida, que fosse apoiada

em argumentação sólida. Trata-se apenas de uma sintonia de crenças feitas. Além da mera similaridade de preferências, o processo interacional parece apostar também em uma postura de desafio a outras opiniões – uma espécie de marcação de território.

Como o texto de Ana Lúcia evidencia, a fragilidade do processo é justamente essa ausência estrutural de uma ponderação, necessária para assegurar a manutenção das opiniões em uma faixa de suportabilidade na escuta. Ou, o que é correlato, uma ausência de antecipação das reações, na recepção, do que é afirmado, impedindo ajustes mínimos voltados para fazer a opinião transitar.

Outro dos casos mostrados por Ana Lúcia Medeiros refere-se, como a autora expressa, a “uma curiosidade sobre a vida pessoal de profissionais que se destacam simplesmente porque são vistos”. O interesse em mostrar esse episódio específico é portanto o de assinalar a percepção que o “sistema de produção” tem do interesse de espectadores pela pessoa dos jornalistas. Aliás, o ambiente mesmo em que a experiência é feita, o *Jornal Nacional*, já investe habitualmente nessa lógica interacional que mistura a passagem de informação jornalística com uma percepção e adesão à pessoa do informador, como busca de um adicional de credibilidade.

No caso do jornalismo esportivo, a opinião relacionada à informação não é novidade – faz mesmo parte da tradição brasileira nesse âmbito do trabalho jornalístico. Deve-se porém sublinhar que aqui não se trata de uma opinião “de cidadão” – mas sim de uma opinião que se sustenta em uma competência técnica e uma experiência prática no trato com os temas referidos.

O que parece demarcar o dispositivo de produção, interação e circulação, no caso, além do estilo do jornalista, do perfil pessoalizado específico, é o aproveitamento de recursos tecnológicos contemporâneos para desenvolver circuitos anteriores à produção – de modo a obter um trabalho colaborativo, como o texto descreve.

A diferença com relação a situações mais habituais (em que os jornalistas contam certamente com boas redes de fontes estabelecidas), é que esse circuito anterior passa a fazer parte expressamente do próprio produto.

Essa produção mostrada como processo ganha certamente uma dinâmica interacional que se transfere à circulação subsequente. Como diz Ana Lúcia, “a interlocução assim encaminhada faz substituir o ‘jornalista informador’ por um jornalista participante de interação que, para fazer parte do circuito, é levado a reagir, a *responder* – e com isso, por sua vez, estimula a produção e a interação do espectador”.

O interesse ampliado do espectador não se concentra apenas na figura e na personalidade do jornalista. Depois de algumas décadas de recebimento de notícias por TV e por Rádio, de participar como receptores das notícias prontas, de se habituar aos padrões e processos das emissoras (inclusive, mas não só, pela comparação entre a diversidade de táticas destas), os espectadores passam crescentemente a se interessar por seu modo de produção. A própria profissão e seus procedimentos se tornam igualmente ângulo de interesse – e aqui, em modo nada parasitário. Os procedimentos de apuração, tratamento, seleções e formatação da notícia fazem parte desta e inevitavelmente deixam marcas no produto final.

Um círculo de interessados em debater a notícia e sua feitura se põe como circuito acolhedor para ser informado sobre os processos. Em tais circuitos se experimentam dispositivos voltados para mostrar e debater seus processos. Complementa-se a oferta de notícias prontas por informações sobre o fazer notícia.

O tipo de episódio selecionado por Ana Lúcia, dentre inúmeras experiências sobre esse ângulo de noticiamento que poderiam ser escolhidas, é um exemplo interessante, em que o jornalista, para falar sobre o processo, o faz exercendo o processo – esta parece ser

sua lógica central. Essa lógica se compõe também de outro elemento nada secundário: a tensão dramática dos trabalhos de apuração e de edição dos fatos escolhidos para noticiar.

Assim, o dispositivo estudado, não discute conceitos abstratos de notícia, factualidade, pauta, interpretação, opinião, ética jornalística, objetividade, credibilidade, etc.; mas sim *mostra* tais ângulos, exercidos em casos concretos. Isso estimula um processo de familiarização com táticas e estratégias do fazer notícia, gerando no “público leigo” uma incorporação da coisa jornalística que o torna mais competente para *interagir* com o noticiário televisual – na dependência, é claro, dos acervos pessoais e culturais do espectador, assim como de seus contextos.

Reiteramos, enfim, os dois ângulos evidenciados pela autora nos processos interacionais estudados. Por um lado, a presença, crescentemente notada, da pessoalidade do jornalista e de seus processos de produção como elementos componentes do produto-notícia; por outro, dentro dessa “lógica articuladora”, ainda experimental, uma variedade de tentativas, menos ou mais bem-sucedidas, de menor ou de maior alcance – dentre as quais, a celebração é um dos aspectos, mas nas quais se pode, também, perceber sintomas de lógicas jornalísticas de interação e de circulação, que se mostram em processo de mudança.